

TRADUÇÃO JORNALÍSTICA:
IMPLICAÇÕES PRÁTICO-PEDAGÓGICAS NA RELAÇÃO TRADUÇÃO E ENSINO DE
LÍNGUAS

ZIPSER, Meta Elisabeth - UFSC
COSTA, Maria José Damiani - UFSC
ALMEIDA, Hutan do Céu de - UFSC
POLCHLOPEK, Silvana Ayub - UFSC

RESUMO: O uso da tradução em sala de aula de língua estrangeira é geralmente motivo de muita discussão e polêmica entre professores de línguas. As raízes para tanta discussão encontram-se, frequentemente, no uso indevido da tradução como fim e não como meio de reflexão sobre as línguas em diversas metodologias de ensino. Por esta razão e, respeitando-se os contextos de ensino-aprendizagem do ensino médio e superior, em nível de graduação, este artigo discute de maneira breve o uso da tradução em sala relacionado a algumas metodologias tradicionais de ensino de línguas para, em seguida, propor um novo olhar sobre a tradução através do conceito da representação cultural e só então sugerir algumas práticas pedagógicas testadas em sala de aula. À luz do funcionalismo alemão para os estudos da tradução, abordamos a prática tradutória utilizando textos jornalísticos, compreendendo o texto como uma prática social. Esperamos, nesse sentido, demonstrar que o uso da tradução em sala de aula de língua estrangeira pode ser uma ferramenta de grande valia não só para reflexão sobre a língua materna ou estrangeira, como também com referência à cultura, a escrita, à compreensão sobre os gêneros textuais e construção do leitor.

PALAVRAS-CHAVE: tradução; texto jornalístico; cultura; língua estrangeira.

ABSTRACT: The use of translation in foreign language classrooms is frequently a controversial issue among language teachers. This is usually due to a misunderstanding regarding translation as a purpose not as a means for reflection about languages through several teaching methodologies. Therefore, focusing on high school and undergraduate contexts, this article i) discusses the usage of translation related to some of the traditional teaching methodologies; ii) introduces a new translation approach based on the cultural representation concept and iii) suggests some pedagogical practices carried out in the classroom. Based on the German functionalism for translation studies, the activities use journalistic texts within the concept of texts as social practices. The purpose is to demonstrate that translation in foreign language classrooms is a tool that provides reflection about both mother and foreign language, as well as reference for culture, writing, textual genre comprehension and reader's construction.

KEY-WORDS: translation; journalistic text; culture; foreign languages

INTRODUÇÃO

ZIPSER - COSTA - ALMEIDA - POLCHLOPEK

Os meios de comunicação ofertam, diariamente, uma quantidade bastante significativa de informações que através de jornais, revistas e telejornais são direta ou indiretamente responsáveis pela formação das opiniões de inúmeros leitores, ouvintes, consumidores que individual ou coletivamente exercem suas práticas sociais tanto no âmbito profissional como no âmbito familiar e necessitam estar conectados ao cenário mundial para interagir com seus pares. Esse cenário mundial da informação cada vez mais valoriza o texto jornalístico, a formação do jornalista e o trabalho do tradutor, que proporciona a tradução dos fatos, notícias e reportagens para o seu leitor/ouvinte local ou nacional. Paralelamente a esse pano de fundo, a tradução e a formação do tradutor ganham espaço no meio acadêmico através de reflexões, teorias e metodologias de pesquisa próprias que não só consolidam a disciplina como campo de estudo, como também reacendem o debate sobre o seu retorno às salas de aula, especificamente, de língua estrangeira.

O que propomos neste artigo é demonstrar, através da tendência atual de interdisciplinaridade em meio acadêmico, que o texto jornalístico e a tradução, enquanto campos de reflexão sobre a língua, não só apresentam pontos de aproximação para trabalhos pedagógicos em sala de aula como também oferecem uma oportunidade única para que professores e alunos em formação, no contexto de línguas estrangeiras, possam refletir sobre questões de linguagem, cultura, construção de sentidos e construção de leitor.

Também, como comprovação dessa interface constituída pela tradução e pelo jornalismo (ZIPSER, 2002), sugerimos, ao final do artigo, algumas possibilidades de práticas pedagógicas visando refinar a percepção dos alunos sobre as diferentes leituras de um mesmo fato noticioso, respondendo à premissa do uso de materiais autênticos em sala de aula e renovando a aplicação da tradução no contexto do ensino de línguas e sua utilização como uma habilidade linguística e de apoio à compreensão de textos, em especial, jornalísticos. Portanto, jornalismo e tradução não são fins em si mesmos, mas, sobretudo, meios para instigar reflexões sobre o uso e a compreensão da língua e da cultura. Neste contexto, o texto jornalístico, compreendido como tradução de fatos, torna-se um excelente recurso para trazer a realidade do mundo para dentro da sala de aula, além de trabalhar habilidades como escrita, leitura crítica e estrutura da argumentação. Como menciona Kleiman:

o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto (KLEIMAN, 1989, p.13).

Fundamentados nestas reflexões, propomos que o trabalho com traduções em sala de aula de língua estrangeira (LE) se torne um instrumento a mais para o aprendizado e a reflexão sobre a língua materna e a língua em estudo, no sentido de desenvolver no aluno a consciência sobre a inter-relação autor e leitor e sobre as variáveis linguísticas e culturais que influenciam o processo de tradução como re-textualização. Nesse sentido, a construção do argumento proposto considera os seguintes tópicos desenvolvidos ao longo desse artigo: a revisão do papel da atividade tradutória explorada em algumas metodologias de ensino de línguas a fim de discutir a maneira como essas atividades foram sendo conduzidas no ensino de línguas; a discussão da tradução como ato comunicativo, conceito que sustenta o argumento proposto para a utilização de atividades tradutórias em sala de aula; a interface de trabalho entre tradução e jornalismo que permite o trabalho com textos autênticos em sala e discussão sobre questões interculturais no texto e, por fim, a sugestão de atividades práticas desenvolvidas em sala e que podem ser adaptadas à realidade de professores e alunos.

A PRÁTICA TRADUTÓRIA PELO VIÉS DE ALGUMAS METODOLOGIAS DE ENSINO

Falar de tradução em sala de aula, especialmente no contexto do ensino de LEs ainda é assunto para muitas polêmicas e discussões acaloradas. Tais discussões estão relacionadas com a antiga aplicação da tradução nas aulas de línguas estrangeiras e sua relação com o método GT ou gramática-tradução advindo da experiência do ensino das línguas clássicas (RICHARDS; RODGERS, 1996). Oriunda do período renascentista, essa abordagem consistia basicamente na tradução de frases isoladas e na decodificação do léxico para o ensino do grego e do latim com o objetivo de ensinar a L2 (estrangeira) através da L1 (língua materna, no caso, o português brasileiro). Esta prática também ecoava no conceito sobre a compreensão advinda através da leitura, pois durante as décadas de 70 e 80, no século passado, esse conceito encontrava-se resumido e simplificado na decodificação de palavras, ao domínio do código escrito e suas regras gramaticais pelo leitor e que as informações determinantes à compreensão estavam limitadas à página do texto. Essa prática pedagógica, sem dúvida, fomentava cada vez mais a memorização de listas intermináveis de palavras, a redução da língua às regras

gramaticais, e a tradução literal de textos que, em sua grande maioria, limitavam-se a textos literários. Muito provavelmente devido a ampla disseminação do método gramática-tradução e, não raro, da sua ineficiência na aquisição e no uso funcional da língua, o GT tem uma parcela de responsabilidade pelo estigma negativo do uso de tradução em sala de aula.

Outra metodologia, a abordagem áudio-lingual, subsequente ao GT, propunha o emprego da tradução como análise contrastiva para estruturas linguísticas, tais como sistemas fonológicos, lexicais, sintáticos e culturais da língua materna e da língua em estudo, para prever os erros dos alunos. Posteriormente excluída e criticada pela chamada Abordagem Comunicativa, a tradução ainda hoje é pouco considerada, quer do ponto de vista prático, quer do ponto de vista teórico.

Visando uma espécie de reabilitação para o uso da tradução em sala de aula, alguns teóricos (COSTA, 1988; ROMANELLI, 2006; WIDDOWSON, 1979; ATKINSON, 1987; ALBIR, 1999) defendem a reinserção da tradução no ensino de línguas, argumentando que "[...] uma concepção mais ampla, mais cultural e crítica pode colocar a tradução como um dos meios mais eficientes de se estar permanentemente atento às diferenças em relação à língua (e à cultura) estrangeira" (COSTA, 1988, p. 283). Segundo o autor, este processo se mostraria útil para a percepção e superação de dificuldades no processo ensino/aprendizagem.

Albir (1999, p.13) defende que a tradução pedagógica é um campo fértil para a investigação e sua aplicação em diferentes contextos educativos e ressalta a importância da tradução na didática das línguas destacando dois processos denominados pelo autor como: tradução interiorizada (estratégia espontânea que o aluno utiliza ao confrontar a L2 com a L1, isto é, tradução mental) e tradução explicativa (mecanismo empregado pelo aluno para acessar significados desconhecidos, os quais não são solucionados facilmente pelo contexto, ou seja, uso de sinônimos e paráfrases por parte do professor ou mesmo dicionários).

Em razão dos limites deste artigo não vamos nos deter na discussão de aspectos mais pontuais e/ou históricos referentes à abordagem da tradução no quadro das metodologias de ensino de línguas. Partimos do pressuposto, no entanto, de que esta prática pode e deve ser resgatada, como forma de proporcionar aos alunos instrumentos diversos para a compreensão linguística, textual e cultural, ampliando um contexto reducionista, a nosso ver, referente ao uso da tradução em sala apenas para fins instrumentais.

Tendências atuais apontam para um modo de pensar a tradução a partir de dois caminhos distintos: como uma quinta habilidade no processo de aquisição da LE ou como uma habilidade que permeia as outras quatro, isto é, que se faz presente em alguma medida quando a fala, escrita, leitura ou escuta são acionadas pelo aluno. Seja qual for o caminho adotado, é preciso lembrar que as metodologias e as reflexões sobre o ensino de línguas evoluíram consideravelmente desde a metodologia proposta pela GT. Por esta razão, consideramos a necessidade de se repensar o uso da tradução em sala de aula como uma prática que pretende que o ensino de línguas possibilite ao aluno, seja qual for o seu nível de proficiência, desenvolver uma atitude crítica e fundamentada sobre a língua em estudo, tanto no seu aspecto linguístico como sociocultural.

Vale ainda mencionar que, ao alcançar o *status* de disciplina independente e autônoma no contexto acadêmico, a tradução rompeu com o papel secundário e equivocado que exercia, até então, no ensino de línguas. Nesse sentido, muitas práticas pedagógicas empregadas erroneamente durante anos nas aulas de LEs, solidificaram um conceito de tradução muito distante das novas investigações. Sobre esse panorama destacamos Popovic (1999; 2001) ao dizer que “a pior forma de se começar é distribuir um texto ao grupo e dizer ‘traduzam’. Isto porque as implicações envolvidas no uso de tradução em sala de aula (RIDD, 2001; CHECCHIA, 2002; CERVO, 2003) vão muito além do simples domínio do código linguístico para uma percepção das línguas como meios diferenciados para se expressar uma mesma informação, caso da interface tradução-jornalismo, num confronto intercultural contínuo. Isto nos permite ainda trabalhar com noções ampliadas e mais elaboradas sobre a tradução, anulando por completo seu estigma de interferência negativa no contexto do ensino de línguas. Por fim, cabe um último esclarecimento: tratamos aqui da tradução em sua forma escrita, visto que a sua aplicação oral demanda uma maior discussão acerca de habilidades linguísticas e comunicativas dos alunos, isto é, níveis de proficiência e outras variáveis que influem diretamente sobre o processo ensino-aprendizagem de LEs, extrapolando o escopo de discussão proposto neste artigo.

O que essa retomada nos mostra, mesmo sendo apenas uma breve revisão sobre o uso da atividade tradutória em sala de aula, é uma prática fortemente vinculada ao ato mecânico de traduzir, sem contexto, sem um propósito comunicativo, pretensamente voltado ao aprendizado ou potencialmente condenável como processo natural da aquisição linguística. É esse conceito limitante,

obsoleto que pretendemos desconstruir, visto que a tradução é uma prática social da língua e consequentemente um processo comunicativo e intercultural.

TRADUÇÃO COMO AÇÃO COMUNICATIVA

Tradução como transferência, transcrição, reprodução, decodificação ou reescrita de um texto de uma língua para outra é um conceito reducionista e retrógrado. Hoje, a tradução surge como um processo complexo em que vários fatores (texto fonte, texto meta, leitores, propósito, contexto sociocultural, etc.) que são determinantes à sua elaboração. Por um lado, a consolidação da disciplina de Tradução no cenário acadêmico e a preocupação constante na formação de tradutores fomentam pesquisas voltadas a uma didática da tradução e a ampliação e contribuição do processo tradutório tanto na oralidade quanto na modalidade escrita da língua estrangeira. Por outro lado, a prática de tradução também fortalece práticas convencionais, porém, conscientes do uso da tradução restrita à decodificação do código. Tudo se justificará de acordo com o propósito, os resultados alcançados e sua fundamentação científica.

Por acreditar que a tradução amplia o olhar sobre a língua em aquisição e contribui no processo de ensino-aprendizagem de LE, partimos das premissas do funcionalismo alemão, mais especificamente, da teoria funcionalista da pesquisadora, tradutora e professora de tradução Christiane Nord (1991). De um modo geral, teorias funcionalistas priorizam a função comunicativa que certas estruturas linguísticas exercem para servir à intenção do usuário da língua, além da análise das estruturas que contribuem para a realização pragmática destas intenções. Desta maneira, o funcionalismo se opõe às abordagens formalistas como a gramática gerativa e estruturalista justamente por voltar-se às situações comunicativas e à língua como um instrumento de interação social. Isto pressupõe estudar a linguagem dentro do seu contexto de uso, visão compartilhada também pela sociolinguística: a linguagem “não é uma entidade autossuficiente (...) é utilizada em – e de fato evoluiu para servir a interação humana. [Sua natureza] somente pode ser entendida se a abordarmos de um modo funcional.” (Davidse¹, 1987, p.40 *apud* NOBREGA, 2000, p.67).

¹[Language] is not a self-sufficient entity (...) it is used in – and indeed evolved to serve – human interaction. [Its nature] can be understood only if we approach it functionally.

De acordo com a perspectiva de Nord (1991) a tradução é uma situação comunicativa como outra qualquer, estando o seu diferencial relacionado, muitas vezes, com espaços temporais e geográficos distintos, isto é, são traduzidos textos de épocas e localidades distantes entre si, implicando cuidados pontuais para o tradutor ao longo do processo tradutório. Apesar disso, a atividade continua sendo uma situação comunicativa.

Nord (1991) compreende a tradução como uma situação de comunicação culturalmente marcada e sempre voltada a um leitor final, prospectivo, ou seja, sempre considerado a frente da atividade tradução. Isto significa dizer que quando traduzimos não o fazemos a esmo, mas com um propósito, com um objetivo, voltados a um interlocutor final que influencia, ainda que indiretamente, todo este processo, tal qual ocorre com os textos jornalísticos conforme discutiremos adiante.

A tradução é vista por Nord como ação e o tradutor, no confronto entre duas culturas, articulando o seu espaço e atuando nele como mediador. Segundo Zipser (2002), Nord interage com a linguística do texto e fornece critérios para guiar as estratégias de tradução, bem como critérios para avaliar o texto traduzido. Sua perspectiva interativa (associando teoria e prática) faz da tradução um processo que se realiza no interior da linguagem e através dela, sendo a função do texto o seu pressuposto para a comunicação. Segundo Zipser (2002), aproximando-se de Nord, os próprios interlocutores trazem consigo as experiências e as expectativas de outros textos num processo constante de negociação a ser gerenciado pelo tradutor que, por sua vez, não tem como evitar a própria leitura do texto a ser traduzido.

Nord (1991) propõe, então, um modelo didático para a análise de textos de modo que tanto o tradutor profissional quanto os alunos que estudam tradução e também línguas estrangeiras podem utilizar. Segundo a autora, os itens propostos são hierarquizados justamente para facilitar a compreensão do processo e proporcionar uma atitude reflexiva sobre o ato tradutório e a compreensão de questões inerentes à escrita e leitura do texto. Nord chama estes fatores de extra e intratextuais (Figura 1), sendo que os primeiros são responsáveis pelo entorno,

ou seja, o contexto de produção do texto, enquanto os últimos respondem pela articulação interna do texto empregada pelo autor para veicular sua mensagem. Sobre isso a autora² comenta:

O modelo inclui a análise de aspectos extra e intratextuais da ação comunicativa; é planejado para identificar os elementos funcionais relevantes em ambas as culturas: a cultura fonte existente e a do texto traduzido em prospecção da maneira como foi definido nas instruções de tradução. Através da comparação do *skopos* com as funções do TF antes de se iniciar a tradução, o tradutor deve ser capaz de localizar problemas que poderão surgir ao longo do processo de tradução (NORD, 1997, p.14).

Os fatores extra-textuais respondem ao: emissor, á intenção, receptor, meio, lugar, tempo, propósito (motivo) e à função textual. Note-se que estes itens assemelham-se muito ao *lide* jornalístico, isto é, o primeiro parágrafo da reportagem cuja função é resumir o conteúdo da notícia. Faz parte destes fatores, também, a função comunicativa intencionada pelo emissor. Esta é uma característica que difere o funcionalismo de Nord daquele postulado pela linguística sistêmica funcional de Halliday, por exemplo, razão pela qual buscamos delimitar o espaço teórico a partir do qual falamos. Já os fatores internos engendram: tema, conteúdo, pressuposições, estruturação, elementos não-verbais, léxico, sintaxe, elementos supra-segmentais e efeito do texto. Tais premissas desenvolvem uma sistematização que envolvem os seguintes requisitos, a saber: i) pode ser utilizada com qualquer gênero textual; ii) tem como base a função dos elementos e das características observáveis dentro do conteúdo e estrutura do texto; iii) tem na figura do tradutor (seja o aluno ou o jornalista) a escolha das estratégias mais adequadas para o propósito da tradução que está trabalhando; iv) é aplicável para a língua materna e para a língua estrangeira, sem a necessidade de fazer referência às características específicas de ambas.

²My model includes the analysis of extratextual and intratextual aspects of the communicative action; it is designed to identify the function-relevant elements in both the existing source text and the prospective target text as defined by the translation brief. By comparing the *skopos* with the source text functions before starting to translate, translator should be able to locate the problems that will arise in the translation process.

MODELO DE CHRISTIANE NORD			
TEXTO FONTE:			
TEXTO META:			
	TEXTO FONTE	QUESTÕES DE TRADUÇÃO	TEXTO-META
FATORES EXTERNOS AO TEXTO			
Emissor			
Intenção			
Receptor			
Meio			
Lugar			
Tempo			
Propósito (motivo)			
Função textual			
FATORES INTERNOS AO TEXTO			
Tema			
Conteúdo			
Pressuposições			
Estruturação			
Elementos não verbais			
Léxico			
Sintaxe			
Elementos suprasegmentais			
Efeito do texto			

**Figura 1. Modelo didático para a análise de textos
(ZIPSER, 2002; NORD, 1991)**

Dessa maneira, o conceito funcionalista em tradução implica, segundo a autora (1996), três princípios fundamentais: autenticidade (escolha de textos reais, autênticos e relevantes para a prática); comunicabilidade (textos contextualizados ou com o maior número possível de informações sobre a sua situação de produção) e transparência (atividades que exponham

claramente as expectativas do professor quanto ao resultado da tradução, o que pode ser alcançado com um planejamento cuidadoso da atividade a ser desenvolvida, explicitando para os alunos as condições de “funcionamento”, ou seja, o propósito e os efeitos que se deseja alcançar no leitor). As atividades tradutórias em sala devem, portanto, considerar com atenção os fatores extratextuais mencionados por Nord (1991) na tabela acima.

Fundamentados nestas questões, apresentamos a seguir o conceito da representação cultural em tradução. Este conceito integra a interface tradução-jornalismo através de paralelos estabelecidos entre estas duas áreas, sustenta as aplicações pedagógicas que propomos e possibilita repensar o uso da tradução em sala de aula como ferramenta de ensino e reflexão sobre a língua materna e a língua em estudo.

TRADUÇÃO E O JORNALISMO – ALGUMAS APROXIMAÇÕES

A princípio, é estranho pensar numa aproximação entre as áreas da tradução e do jornalismo, visto que a tendência é pensarmos no segundo como a representação real dos fatos que nos cercam e que detêm características relevantes que os tornam notícia. Nesse sentido, a tradução se restringiria ao código linguístico e não ao fato propriamente dito, visto que se traduzido, já não seria mais o acontecimento real. No entanto, conforme demonstra Zipser (2002), é possível não só aproximar as áreas como também modificar o comportamento dos leitores a partir da interface criada. Para isso, faz-se necessário, primeiramente, repensar o conceito de tradução e de texto, isto é, ampliar a concepção tradicional que entende a tradução como algo derivado necessariamente de um texto-fonte e também pensar o texto, de modo geral, como prática social, ou seja, um texto que deriva de contextos socioculturais específicos e que influencia esse entorno à medida que diferentes leituras ou traduções são produzidas a partir dele.

Nesse sentido, a tradução pode ser pensada como tendo origem no próprio fato noticioso do qual podem resultar diversas abordagens ou traduções dependendo do leitor final, da sua localização geográfica, das angulações e enfoques que um mesmo fato pode receber, bem como do contexto cultural onde está inserido. Isto porque, do acontecimento até a reportagem final, a notícia geralmente percorre um longo caminho no qual há sempre um recorte nesses relatos, visto que as matérias não são divulgadas sem antes passarem por instâncias responsáveis [editores

chefes, chefes de redação] que podem vir a alterar esses textos, obedecendo a critérios de pauta, noticiabilidade ou mesmo interesses particulares do próprio veículo de informação. Assim, podemos nos questionar se a leitura da imprensa sobre os acontecimentos é a única possível. Lembramos que, mesmo constituindo um discurso próprio, a imprensa não deixa de ser uma instituição social que vive dos fatos que acontecem fora do seu universo; portanto, não está isenta de receber influências externas, especialmente culturais. Neste caso, a própria escolha do fato a ser noticiado, bem como a maneira como será abordado, refletem padrões sociais e culturais de informação específicos para cada país. Em outras palavras, o texto da reportagem reflete o olhar de quem o redigiu, construído a partir de suas vivências pessoais, de experiências de leitura; de inter-relações socioculturais, resultando, portanto, em diferenças de abordagem para uma mesma notícia.

Neste processo, se a maioria dos leitores não compartilha do contexto da cultura de partida, o jornalista assume a função de tradutor na imprensa, bastando para isso, geralmente, conhecer o idioma, o estilo do veículo para o qual escreve (exigência também para tradutores profissionais), além de, se possível, ter realizado alguns trabalhos com sucesso, como ter traduzido corretamente, sem ‘distorcer’ a informação. Consequentemente, existem aqui dois caminhos: a tradução consensual e que se propõe objetiva, imparcial e neutra no relato do fato jornalístico, como se observa em muitas traduções de textos *online*, ou a **tradução como representação cultural** do fato noticioso, conforme proposta por Zipser (2002). Por essa razão, fazem-se necessários **filtros** entre o fato e o seu relato da imprensa. Estes filtros, ancorados nos referentes da cultura de chegada, representam marcas específicas (lexicais ou sintáticas, por exemplo) cuja função é ativar no leitor esquemas de memórias que permitam associar o fato ocorrido em contexto social distinto, com acontecimentos similares em sua própria cultura. Esse processo permite a interação do leitor com os fatos ocorridos em contextos culturais distintos, bem como a compreensão da importância do fato e dos efeitos gerados por ele junto aos leitores no contexto de partida. É a única maneira de o leitor final ter uma dimensão mais próxima do significado do fato para o leitor no seu contexto de partida.

Segundo Zipser (2002), os filtros caracterizam o processo de construção de sentido dos textos que adquirem uma aceção mais ampla, passando a configurar diferentes leituras de um mesmo fato ou de uma realidade maior: “Trata-se, enfim, de uma leitura e não da leitura desse

mesmo fato” (ZIPSER, 2002, p. 3), sendo que “podemos dizer que a questão da tradução no jornalismo fica colocada em termos culturais e não meramente como uma transcodificação linguística” (Ibid. p.32). Em outras palavras, temos aí uma tradução que não parte de um texto tido como ‘original’, mas sim de um fato que para o leitor é considerado como sendo ‘real’, mesmo que já filtrado pelo olhar de quem construiu essa realidade.

A percepção do envolvimento de parâmetros culturais nesse processo de transição da notícia entre fronteiras internacionais fundamenta o conceito de tradução como representação cultural de um fato noticioso e apresenta o jornalista como tradutor deste fato (ZIPSER, 2002). Este também é o caminho do tradutor em ambiente funcionalista quando, num primeiro momento, analisa o texto-fonte (TF) a partir dos seus fatores externos e internos, para só então partir para a tradução com vistas a um público leitor que pode ser tanto um leitor real (receptor) quanto um público idealizado (*addressee*), segundo Nord (1991).

A interface jornalismo-tradução aliada à educação estabelece um vínculo entre a realidade (incluindo-se a de sala de aula), o fato noticioso e a matéria jornalística escrita, o que nos permite ilustrar o processo de formação de sentido dos textos, via argumentação. Esse processo possibilita que os alunos interajam com o gênero textual – texto jornalístico – de forma a percebê-los como construções textuais subordinadas a manifestações culturais provenientes não só do código linguístico do texto, como também da situação de comunicação na qual o texto está inserido. Ressaltamos que a proposta de Nord (1991) não prevê este trabalho de análise através da tradução [apenas] com textos jornalísticos, mas com qualquer outro gênero textual, por exemplo, poemas, receitas, cartas, *e-mails*, manuais de eletroeletrônicos, folhetos de propaganda, de turismo, entre outros, conforme uma das sugestões de práticas pedagógicas que discutimos a seguir.

O conceito da ‘representação cultural’ nos permite, portanto, ler os textos “inseridos” em contextos situacionais e culturais diferenciados, como afirma Zipser (2002), motivando o aluno para (i) o aprendizado de línguas estrangeiras; para (ii) a análise contrastiva entre a língua materna e a estrangeira; para (iii) a aceitação das diferenças existentes entre as línguas na sua modalidade escrita, neste caso; para (iv) uma atitude de tolerância em relação a realidades culturais distintas e também, para (v) uma percepção mais aguçada sobre a sua própria cultura e as leituras propostas pelos veículos midiáticos para os fatos noticiosos.

Tais atitudes diferenciadas enriquecem o trabalho com textos e com a tradução em sala de aula, ganhando espaço na área pedagógica como instrumento de compreensão de estruturas linguísticas sintáticas, lexicais e também contextuais. Nosso objetivo é, portanto, conscientizar os professores que trabalham com gêneros textuais e, especialmente, com o ensino de línguas de que a tradução representa um espaço privilegiado de discussões linguísticas e interculturais quando bem planejada e direcionada em sala. Lembramos a afirmação de Popovic (1999; 2001) de que a pior coisa a se fazer é entregar o texto e pedir para que os alunos o traduzam. Esta atitude, sem bases teóricas e reflexivas, apenas reforça o lado negativo da tradução como interferência da língua materna na aquisição da língua estrangeira, além de incentivar a formação de leitores passivos e uma noção errônea da tradução como transcodificação linguística unicamente. A fim de desconstruir esse argumento, apresentamos a seguir algumas sugestões de práticas pedagógicas com atividades de tradução em sala de aula de LE. Essas atividades foram desenvolvidas, num primeiro momento, com alunos de graduação em Letras, a fim de acordar nesses futuros profissionais uma atitude mais consciente sobre o papel da tradução em sala e suas reais dimensões de complexidade. Isso, porém, não impede que sejam adaptadas a outros contextos de ensino e faixas etárias, tendo o cuidado de desenvolver um planejamento claro e escolher textos compatíveis com os interesses dos alunos.

O TEXTO JORNALÍSTICO EM SALA DE AULA – ALGUMAS IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA

O trabalho com textos jornalísticos, especificamente, satisfaz uma premissa básica do funcionalismo (REISS e VERMEER, 1986; NORD, 1991, 1997) em tradução: o exercício com textos autênticos, empregados em contextos de situações reais, isto é, textos que podem ser encontrados na vida diária dos alunos. Como enfatiza Nord (1996), quando trabalhamos uma proposta de tradução em sala de aula, ou seja, com fins didáticos, é importante levar em conta os seguintes aspectos sobre a situação meta: a função ou funções comunicativas; a audiência, o canal e o propósito. Neste sentido e, para exemplificar as discussões teóricas acima, cumprindo com o objetivo deste artigo, propomos a seguir três atividades desenvolvidas com os alunos, nesse caso, alunos de graduação em Letras, porém podendo ser aplicadas a alunos do ensino médio,

atentando para: i) adaptações quanto à idade dos alunos; ii) nível de proficiência linguística; iii) nível de dificuldade dos textos selecionados.

1ª atividade – para esta atividade o professor pode utilizar a ferramenta *Google* e buscar capas de diferentes revistas sobre um mesmo assunto como a copa do mundo, por exemplo, ou ainda, buscar revistas que são, eventualmente, traduzidas para o português como a *Reader's Digest*; a *National Geographic*; a *Nova-Cosmopolitan* ou a *Seventeen-Capricho*, por exemplo. As capas podem ser exploradas como traduções semióticas, isto é, diferentes representações visuais sobre um mesmo assunto e discutidas em razão das expectativas do leitor sobre os textos publicados, da relevância do assunto de capa para o leitor; das diferentes representações culturais (leituras) que um mesmo assunto pode suscitar em ambientes culturais distintos. As capas geralmente trazem os títulos das reportagens principais desenvolvidas pela revista e esta combinação (foto de capa; título; razão para a escolha de determinada reportagem, posição dos outros títulos de capa em relação à reportagem principal) permitem explorar questões contextuais, tais como: função dos títulos; intenção e propósitos das reportagens em destaque, além de elementos referentes à organização interna dos textos, considerando-se a tabela de Nord (1991) como pressuposição e temática, elementos reveladores das diferenças de enfoque em cada contexto para o qual a revista é publicada.

2ª atividade – para esta atividade, o professor pode utilizar diferentes gêneros textuais: notícia receitas de cozinha, biografias, panfletos; *folders* de turismo; manuais de celular; propagandas de determinados produtos, etc. A utilização de textos autênticos (texto fonte) permite ao aluno identificar, mapear, como menciona Nord (1996), vários aspectos socioculturais, definidos pela autora como extratextuais. Num primeiro momento, os alunos devem analisar os textos seguindo os fatores expostos por Nord (1991) e pensar em públicos diferentes (audiência) para possíveis traduções dos mesmos. Na segunda etapa, os alunos devem ser conduzidos a afinar suas reflexões e considerar as mudanças que seriam necessárias para uma eventual tradução dos textos direcionada a uma determinada audiência (público meta); sua localização geográfica; a localização temporal do texto e o conhecimento prévio do leitor a respeito do assunto. O objetivo é fazer com que os alunos compreendam que não basta, neste caso, simplesmente traduzir o código linguístico, mas também considerar outros fatores que permeiam as escolhas lexicais,

discursivas e gramaticais do tradutor. Estas escolhas permitem que o leitor ideal (audiência) construa o significado do texto meta. A questão do gênero suscita, assim, reflexões acerca da tradução de gêneros textuais, visto que reconhecer o gênero muito importante, mas não é o único fator determinante para que o processo tradutório seja funcional. Com efeito, pode-se trabalhar ainda com a tradução de um gênero para outro, como no caso de uma reportagem sobre capoeira que é traduzida para o gênero livro didático ou poema.

3ª atividade – para esta atividade o professor pode recorrer a bancos de dados de jornais *online* como a *Folha Online*; *The New York Times*; *El País* e outros que julgue adequados. Nesses bancos de dados é possível obter sequências de títulos a respeito de um determinado assunto (copa do mundo; atentados terroristas; carnaval, por exemplo). Tais títulos devem ser previamente selecionados para que, de fato, estejam relacionados com o evento que se deseja trabalhar, o que é possível de se resolver com uma leitura atenta. Outra questão é considerar apenas um recorte destes fatos, selecionando os títulos dentro de um período específico, por exemplo: títulos de reportagens sobre a copa do mundo publicados no ano de 2010 ou apenas no mês de junho de 2010, o que fica a critério do professor em função também da quantidade e qualidade dos dados obtidos. Após esta seleção, os alunos podem ser incentivados a reconstruir a sequência dos fatos – sem ler as reportagens integralmente – utilizando apenas as informações dos títulos visando construir uma nova narrativa, compreendida como uma nova tradução do evento estudado. O exemplo das capas de revista, os títulos são elementos reveladores de deslocamentos de enfoque e demonstram, quando agrupados para recontar a mesma história, a relevância que o fato-fonte adquire ao longo do seu tempo de exposição na mídia. Esse processo provoca discussões acerca do modo como a imprensa age na memória coletiva dos leitores lembrando o fato constantemente ou fazendo com que seja rapidamente esquecido devido a outro assunto de interesse social imediato.

4ª atividade – uma última atividade pode empregar o uso da ferramenta de tradução automática do *Google* a fim de promover uma tarefa de análise contrastiva entre a língua materna e a(s) língua(s) de domínio do aluno, caso seja empregada em cursos de graduação de Letras, quando existe a possibilidade de unir, num mesmo grupo, alunos de línguas estrangeiras diversas. Nesta atividade deve haver, novamente, uma seleção criteriosa do texto a ser trabalho em sala, preferencialmente curto, com extensão de no máximo meia página para que os alunos não se

cansem com a leitura e mantenham-se estimulados a analisar o mais detalhadamente possível as mudanças ocorridas na tradução. Para esta atividade pode-se selecionar um texto da área do turismo em língua materna, por exemplo, e vertê-lo para outras línguas, com a ajuda do tradutor automático ou ainda fazer o caminho inverso, traduzir de fato o texto em língua estrangeira para a língua materna. A relevância dessa tarefa implica valorização do profissional de tradução que não deve ser substituído por essas ferramentas, cujos recursos atuais ainda não contemplam todas as nuances e a complexidade do processo tradutório. Essa atividade serve também de alerta para os alunos que costumam fazer uso dessas ferramentas na produção de textos para as aulas de língua estrangeira.

O que ocorre com os tradutores automáticos é, geralmente, a omissão ou literalidade de determinadas estruturas linguísticas em razão dos próprios dados que alimentam o banco de dados do programa. Deve-se considerar que, no caso da ferramenta do *Google*, o tradutor automático entende alguns tempos verbais como invariáveis; traduz expressões como 'boa viagem' de maneira igual para línguas distintas por não ter em seu banco de dados os equivalentes nestes outros idiomas; referências locais e/ou culturais, assim como expressões locais, correm o risco de serem apagadas, visto que a máquina não consegue perceber variações de uso.

Tais atividades demandam, como podemos observar, uma seleção criteriosa dos textos e dados por parte do professor e um cuidadoso trabalho reflexivo sobre produção textual e, uma eventual tradução destes textos. Este trabalho vai além do simples domínio linguístico para a leitura e tradução dos textos, envolvendo reflexões acerca do leitor que se está visando com a tradução; do conteúdo dos textos para a tradução; da inserção ou omissão de informações dependendo do conhecimento prévio pensado para o grupo de leitores finais e também das características dos veículos de publicação destes textos. Tais atividades e a reinserção da tradução no contexto do ensino-aprendizado de línguas estrangeiras respondem ainda, ao questionamento da razão de se ensinar tradução no curso de Letras: i) o aluno pode compreender melhor os aspectos relacionados ao funcionamento e emprego de estruturas linguísticas no âmbito lexical, sintático e semântico; ii) o conhecimento das variáveis sócio-histórico-culturais, que também influenciam a prática tradutória, amplia a sua percepção de língua e texto; iii) o aluno aprende a desmistificar a associação negativa e histórica do uso de tradução em sala de aula; iv) o aluno

passa a valorizar o profissional tradutor e a se ver também como um, quando atua nas situações corriqueiras de sala como, por exemplo, ao re-textualizar instruções e/ou explicações para o aluno é talvez a mais importante, v) o aluno passa a compreender o seu real papel de leitor, ou seja, interação e diálogo constantes com o texto para a construção de sentidos pela leitura.

Estes e outros critérios fazem parte, continuamente, do universo de reflexão do tradutor sobre o seu trabalho, demonstrando a complexidade da tradução e a possibilidade de ampliar seus conceitos mais tradicionais para questões que normalmente não recebem a devida atenção no processo tradutório, tais como: o leitor; o contexto de produção textual e o contexto de recepção. Ressaltamos que as atividades descritas devem ser adaptadas aos contextos de ensino dos professores, mas primordialmente definidas a partir de um propósito de comunicação, de relação e conhecimento intercultural além de um simples exercício de transcodificação linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades propostas nesse artigo são apenas sugestões para o trabalho em sala de aula com tradução. Vale ressaltar que consideramos o contexto de sala do ensino médio e do ensino superior em cursos de graduação, especialmente, de Letras. Isto porque essas atividades frequentemente demandam propósitos e tempo de aplicação maior do que aquele previsto por cursos de idiomas, cujos objetivos são também voltados, na sua grande maioria, a uma apropriação da língua e não tanto à reflexão sobre a mesma. Nesse sentido, esperamos ter frustrado as expectativas do leitor que esperava encontrar nessas sugestões exercícios tradicionais de equivalência tradutória conforme o GT ou então *drillings* para repetição de estruturas sintáticas e lexicais. Isto porque o nosso objetivo é o de propor atividades que demonstrem a relação maior da tradução com a linguagem, compreendida não como enunciados isolados de contexto, mas como situações comunicativas que, por não serem padronizadas, exigem um cuidado especial com o texto por parte do aluno-tradutor. Esta deve ser a característica das reflexões para as atividades utilizadas em sala.

Acreditamos que, através dessas práticas, a aula de línguas estrangeiras pode ser enriquecida no sentido de motivar a percepção dos alunos para o fato de que as línguas utilizam meios diferentes para expressar uma mesma informação. Nesse sentido, o uso adequado da tradução em sala de aula permite ao aluno estabelecer um confronto cultural mais aprofundado entre as línguas, além de desenvolver e

aprimorar habilidades de leitura, escrita e argumentação, facilitando não só o domínio da cultura-alvo, como também a compreensão do funcionamento da própria língua materna. Resultados práticos da aplicação destas atividades com alunos do curso de graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina têm mostrado, de forma gratificante, que os alunos desenvolvem outro olhar, mais diferenciado e aguçado no que diz respeito à leitura dos textos, sobre a tradução e as instâncias que influenciam sua prática, indo além dos limites da estrutura do texto e das características da língua enquanto código.

O uso da tradução permite aos alunos, portanto, pensar “comparativamente”, desenvolvendo uma consciência maior acerca das diferenças entre as línguas. Dessa maneira e de forma mais pragmática, a tradução na sala de aula de línguas estrangeiras é capaz de motivar os alunos a assumir riscos ao invés de tentar evitá-los, a fim de superar possíveis dificuldades para a expressão da informação. O que não se pode negar é o fato de que a tradução é uma atividade real e que faz parte do dia-a-dia dos alunos até mesmo quando tentam traduzir seus pensamentos em palavras e, em razão de todos os aspectos envolvidos neste processo, é possível admitir que a tradução seja, de fato, uma quinta habilidade para o aprendizado e ensino de línguas.

No caso dos textos jornalísticos, no âmbito desta proposta, é possível oferecer meios de o aluno desenvolver as suas habilidades de leitura, compreensão textual e escrita, encorajando-o com uma atitude de participação ativa nas discussões e análises sobre fatos que constroem e influenciam a sua vida. Visto que todo texto é produzido conforme os contextos sociais e culturais em que o tradutor (o jornalista e o aluno/leitor) realiza o seu trabalho, a proposta é levar o aluno a compreender, também, as condições de produção desse texto, determinantes para o produto final impresso e para o contexto de sua reescrita, compreendendo o texto jornalístico como tradução de um fato. A postura do professor, vale lembrar, deve ser aquela do mediador, atentando para uma leitura mais rica e crítica e, também sobre os aspectos de reescrita sobre os quais o aluno possivelmente não tenha refletido. Sendo assim, o conhecimento acerca deste gênero textual, bem como um planejamento prévio são responsáveis pelos resultados satisfatórios e por uma orientação que conduza para além da base superficial do texto, permitindo ao professor uma nova abordagem do ensino de língua estrangeira em sala de aula. A aplicação destes modelos ajuda a reconhecer a natureza da linguagem jornalística e estabelecer possíveis comparações entre tradução e jornalismo, a saber: i) a questão da fidelidade textual na tradução e

a postura de aparente neutralidade ao fato noticioso nos textos jornalísticos; ii) as questões relacionadas à ética desses profissionais: tradutor e jornalista, iii) a produção textual em função de um leitor final em prospecção, iv) os fatores sociais e culturais que interagem nessas duas áreas.

Fica aqui a proposta para que os professores de línguas estrangeiras pensem a tradução também de uma perspectiva distinta, isto é, não como manipulação de estruturas linguísticas, mas como um processo no qual história, contexto social, cultural, autor, tradutor e leitor dialogam de maneira contínua e interativa. Não existe aqui a pretensão de o aluno tornar-se um tradutor profissional, mas sim um leitor atento e crítico. Lembramos ainda que, independente do exercício utilizado, deve-se deixar claro para o aluno o propósito da atividade e o que se espera dele. Dessa maneira a tradução torna-se um instrumento legítimo para o ensino-aprendizado e não como um mero exercício de avaliação, sem função ou propósito. Neste sentido, tradução e jornalismo, no universo da sala de aula, cumprem com uma função enriquecedora e motivadora para o aprendizado de línguas estrangeiras.

REFERÊNCIAS

ALBIR, A. H. *Enseñar a traducir*. EDELSA, Madrid, 1999.

ATKINSON, D. The mother tongue in the classroom: a neglected resource? *ELT Journal*, vol. 41/4 October, 1987.

CERVO, I.Z.S. *Tradução e ensino de línguas*. Dissertação de Mestrado – Instituto de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

CHECCHIA, R.L.T. *O retorno do que nunca foi: o papel da tradução no ensino do inglês como língua estrangeira*. Dissertação de Mestrado – Instituto de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

COSTA, W. C. Tradução e ensino de línguas. In: BOHN H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos de Lingüística Aplicada ao ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988.

KLEIMAN, Â. *Texto e leitor aspectos cognitivos da leitura*. Pontes: Campinas, SP, 1989.

NOBREGA, M. H. da. *Análise funcional de advérbios e adverbiais modalizadores no texto jornalístico*. Tese – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2000.

NORD, C. Defining Translation Functions: The Translator Brief as a guideline for the trainee translator. In: LÖRSCHER W. (ed.) *Ilha do Desterro: Translation Studies in Germany*. Florianópolis: Editora da UFSC, p. 39-53, 1997.

_____. El error en la traducción: categorías y evaluación. In: ALBIR, A. H. *Estudios sobre la traducción*. Castelló: Universitat Jaume I, p.91-107, 1996.

_____. *Text Analysis in translation*. Amsterdam; Atlanta: Rodopi, 1991.

POPOVIC, R. Cultural and Cognitive Models in Foreign Language Learning. 2ND PAN-EUROPEAN CONFERENCE LANGUAGE: WEAPON OF PEACE TO THE WORLD, 1999, Greece. Palso Associations of Macedonia-Thrace, 1999, p. 19-22.

_____. The place of translation in Language Teaching. In: *Bridges, the journal of the Thrace-Macedonia Teachers' Association*, Issue 5, p.3-8, January 2001. Acessado pela última vez em Junho de 2010 e disponível em: http://www.sueleatherassociates.com/pdfs/Article_translationinlanguageteaching.pdf

RICHARDS, J. C. and RODGERS, T. S. *Approaches and methods in language teaching*. Cambridge: CUP, 1986.

RIDD, M. D. Out of Exile: A New Role for Translation in the Teaching/Learning of Foreign Languages. In: SEDYCIAS, J. (org.) *Tópicos em Lingüística Aplicada 1*. Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Editora Plano, 2001, p.121-148.

ROMANELLI, S. Traduzir ou não traduzir em sala de aula? Eis a questão. In: *Revista Inventário*. 5. ed., mar/2006. Disponível em: < <http://www.inventario.ufba.br/05/05sromanelli.htm> >

WIDDOWSON, H. G. The deep structure of discourse and the use of translation. In: *The Communication Approach to Language Teaching*. BRUMFIT, C. J. And JOHNSON, K. (eds.). Oxford: Oxford University Press, 1979.

ZIPSER, M. E. *Do fato à reportagem: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural* (tese de doutorado). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2002.